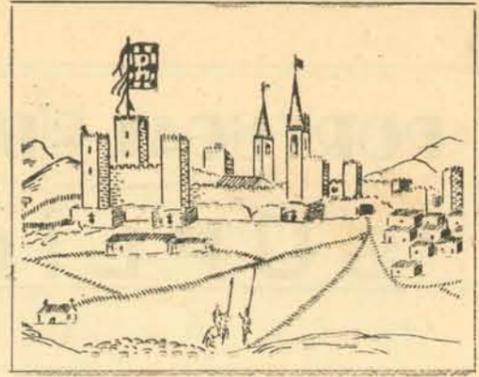


Correio de Misa

Jornal de Informação e Cultura

Director — ABEL MONTEIRO

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA DOS COMBATENTES DA G. GUERRA, N.º 1-B-1.º	Editor — ANTÓNIO CARMONA RIBEIRO PROPRIEDADE DA DIRECÇÃO	COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO ORIGINAIS GRÁFICAS DA TIPOGRAFIA NISENSE
---	---	--



ESTRIBILHOS

Há quem abomine os estribilhos e quem simplesmente os registre. Uns, por eiva gramatical e lexicológica, manifestada de tempos a tempos, como as febres quartãs; outros por mero devaneio ou passatempo, sem pretensões a Albalat ou a Boileau.

E é na Província, na Província pacata e ensonada, que surgem tão perliques problemas.

Ainda há pouco um génio ladino e perspicaz se enxofrava com os celeberrimos estribilhos.

É verdade que numa grande maioria de casos, eles se nos apresentam impertinentes, insuportáveis mesmo, devido às doses violentas com que são usados.

Oradores, poetas, ou simples e reduzidos literatos, todos à compita, pecam pelos estribilhos que, se por vezes não têm graça, não deixam contudo de ser imagem que espelha a alma nua e crua de tais estetas provincianos.

Creemos piamente que os estribilhos devem remontar a épocas imemoriais ou, como diria Charles Merouvel, "se perdem na noite dos tempos".

Adão e Eva já os deviam conhecer no Paraíso, como termo registado no privativo vocabulário (tentador vocabulário), embora sob a forma de pintalgadas maçãs.

Mas, afinal, o que é um estribilho?

Modesto "dicionário do povo", mesmo comprado em segunda-mão, de folhas sebatas e de capa rôta, como figos maduros em manhãs de neblina, fornecerá, sem delongas, um significado sofrível de palavra tão decantada.

Estrilho envolve, logicamente, o sentido de repetição.

Cra, segundo os princípios de um cientista muito conhecido, mesmo até dos destruidores de obras de arte, nada sob o sol é novo, embora constantemente sujeito a multiplicáveis transformações. Com o tempo, umas coisas passam a ser outras. Tudo muda. Aliás "mutare est hominis sapientis". E, por isso mesmo, quem poderá desdizer que tanto e tanto purista, considerandose, embora, o "supra summum" do empertigado e presunçoso, não teria já feito parte, mais que integrante dos "phaseoli" ingeridos nos tempos dos faraós?

Quem poderá garantir que os críticos do estribilho não sejam, desta forma, a própria evolução dum estribilho antigo, verificada através dos tempos, segundo o princípio do grande Lavoisier?

Toda a matéria e toda a energia estão sujeitas a transformações.

Certo ácido gasoso, por exemplo, também não foge, decerto, à regra.

Quem, por isso, poderá assegu-

rar que um ou outro crítico do estribilho não teria sido já aquele gás, modificado, transformado pelos séculos fora na tez morena, tão característica em certos meridionais e tão celebrada pelos poetas, como beleza das damas?

Um professor universitário, plebeu de origem e plebeu no discurso quotidiano, que dispendeu ciência e vida pelos claustros da velha Faculdade de Letras de Lisboa, propoz esta hipótese, para explicar a atracção dos estudantes de cara arredondada e bochechas papudas, pelas colegas morenas... morensísimas

Há, de facto, caras suspeitas, num cúmulo de uniformidade, caras que, vistas à direita ou à esquerda, são rigorosamente iguais, ou como diz nos nossos Cancioneiros medievos um impagável trovador, caras que parecem umas outras coisas papudas, almofadadas, apenas com o acréscimo do nariz e das orelhas.

Acômpañando em fio de discurso esta evolução prepositiva, o estribilho é, sem dúvida, coisa muito remota. E, "enquanto os rios para o mar correrem", há-de haver forçosamente muito e muito estribilho, a despeito de toda a controvérsia agitada e de todas as parafrazes serenas. É estribilho o comer, o beber e muitos outros infinitos verbais, por estribilho também, e já antigo, transformados em sereníssimos substantivos. E estamos em acreditar que a própria existência, forçadamente ligada ao nascimento e à morte é, no fundo, na forma, nas funções e nos fins, um dos estribilhos mais corriqueiros.

Até o próprio espaço e o próprio tempo são estribilhos de sempre.

Entretanto, há estribilhos agradáveis e outros eivados de profunda decepção. Alberto Londres, o famigerado jornalista que, para maior celebridade, morreu em naufrágio aparatoso nas águas turvas do luar Roxo, abominava o estribilho "Pas d' interviews, mousieur!" E o comilão de Almada sentia-se rejuvenescer com o estribilho diário da sua cozinheira: "Já está o jantar na mesa"! Era o caso da campa de certo mosteiro, em que um abade gastrónomo mandara gravar esta inscrição: "Vox mea, vox grata; cibaria dico parata".

Por vezes são impertinentes, insuportáveis, os estribilhos. Mas doeados, cautelosos, pudibundos e naturais, constituem até beleza, que Mantegazza poderia ter estudado na "Fisiologia do Belo".

Poetas e prosadores, antigos e modernos, têm recorrido ao estribilho, para realce de suas obras. E o

(Continua na página 4)

Em Louvor da Acção

1

Actos há que não podem ser supridos com palavras. Os actos, sim, esses é que podem suprir longos discursos. Vale mais uma onça de acção do que uma tonelada de palavras.

Verdade seja, porém, que palavras há da força de valerem tanto (ou mais) que certos actos. Uma palavra oportuna, dita com seriedade, é candeia que vai à frente—alumia duas vezes.

Há palavras e palavras: aquelas que são simples "flatus vocis" e as que deixam dedada indelével (e construtiva) nas almas.

2

De bons propósitos está o inferno cheio. Quem se quiser candidatar ao Céu apresente a credencial das obras.

Assim, e só assim, baterá e se lhe abrirão as portas.

3

Palavras podemos copiar-las doutrem. Dizendo-as, é como se não fossem nossas. Bem nossas só as acções que praticamos.

Não nos fica mal, se terminarmos o nosso dia com "deficit" de palavras. Mas perdido — ou quase perdido — o poderemos considerar, se o não fecharmos com "superavit" de acções.

4

Estamos poluindo a acção, se apenas a encarmos "sub specie pecuniae".

Quando só trabalhamos por amor da recompensa, esta é apenas uma. Mas logo passa a ser em duplicado (material e espiritual) se realizarmos a tarefa por amor desta mesma. O ideal seria que o prémio da acção fosse a própria acção.

5

O que aos fracos sobra em palavras falta-lhes em acção.

Pelo contrário, o que aos fortes sobra em acção, falta-lhes em palavras. Os primeiros preferem falar a fazer. Os segundos preferem fazer a dizer. O "homo-faber" vale mais que o "homo loquax".

6

Um bom começo de acção augura um bom fim. Um problema bem equacionado fica virtualmente resolvido. A tarefa iniciada com amor está meio resolvida.

7

Não faz mal que se cruzem os braços. O que é preciso é que não se cruze o espírito. Para que os braços se descruzem, o melhor remédio é fazer que o espírito não adormeça. Quando o espírito trabalha, o corpo segue-lhe as pisadas.

Os preguiçosos mentais costumam ser também preguiçosos corporais. A mão prolonga a inteligência.

8

Quando a música da vida é tocada na clave da acção, as horas são breves e os prazeres são longos. Minimiza-se a vida, na medida em que se minimiza a acção.

9

Tudo, menos a inércia! Antes tentar o utópico, o impossível, o quimérico, e outras contas deste rosário, do que tomar narcótico às colheres de sopa! Tantas daremos na ferradura, até que acertaremos no cravo! Martelo parado não bate — enferruja-se.

10

Diz-se que a especulação intelectual é um luxo, ao passo que a acção corresponde a uma necessidade. Mal vai, porém, a acção se não tem a alicerçá-la a teoria congemina na clave da pura gratui-

11

Temos os poetas das palavras e os poetas acção. Não desdenhemos daqueles em favor destes. E inversamente. Todos têm seu cabimento no mundo. As palavras podem ser estímulos da acção. "Os Lusíadas" foram fomentando a conspiração de 1640, durante o cativo filipino. Deles se fizeram coisa como vinte e tal edições, nos sessenta anos em que perdemos a liberdade. De 1580 a 1640, foram eles o viático dos portugueses algemados. Nelles fomos haurindo força para quebrar as algemas.

Pensar é um actuar "sui generis". Se há uma acção externa, há também uma acção interna. Não votemos ao desprezo nenhuma delas.

12

O teste do pensamento é a acção. A árvore avalia-se pelos frutos que dá. E o pensamento pela soma de acção que promove.

Também o melhor teste para aquilatarmos de um homem, não é tanto o que pensa e diz, mas sobretudo o que faz. A acção é pensamento concretizador.

13

Para realizarmos grandes coisas, devemos fazê-las "sub specie aeterna", como se não houvessemos de morrer. Quando condicionamos apertadamente a acção ao efêmero da vida, logo nos restringimos na quantidade e na qualidade.

CRUZ MALPIQUE

Festa de Cantares Alentejanos

Promovida pela Casa do Alentejo, vai realizar-se no dia 24 do próximo mês de Abril, no Pavilhão dos Desportos, um grandioso espectáculo em que se exhibirão os famosos grupos corais de Serpa, de Cuba, de Vila Verde, de Ficalho e de Reguengos de Monsaraz, acompanhados do grupo coral "Eng.º Martins Galvão", da Casa do Alentejo, e com a valiosa colaboração

de distintos artistas do Teatro e da Rádio.

Houve a séria preocupação de apresentar ao público da Capital, as duas províncias transtaganas e, quanto ao Baixo Alentejo, as duas modalidades do seu canto que se situam em cada uma das margens do Guadiana, que lhes serve de linha divisória, sabendo-se bem que o canto popular alentejano se fixou,

especialmente, na bacia hidrográfica deste rio e é lá, de facto, que os corais atingem a sua maior beleza e uma sonoridade deveras perfeita e excelente.

Se a festa em projecto alcançar o êxito esperado à semelhança do que tem sucedido com as festas an-

(Continua na página 4)

Este número foi visado pela Censura

PORTUGAL - BRASIL SÚPLICA

Por Mário Beirão

Já meus olhos se fecham com doçura,
Neste sonho de Morte; já meus braços
Pendem, um mísero abandono, lassos
De tanto esforço na peleja obscura.

E a alma, liberta, enfim, da carne impura,
Da teia espessa dos humanos laços
Oh, quão feliz divaga nos Espaços,
Radiando Amor, imaculada alvura!

Em um sonho de Morte me deleito!...
E uma chuva de lágrimas e flores
Cai em bênçãos do Céu, sobre o meu peito!

Senhor, que me sorris da Imensidão,
Senhor, que me revestes de esplendores,
Transmuda em realidade esta ilusão!

Resposta de um filho querido

Por João da Graça Esteves Pinto

Querida mãe, cá cheguei bem,
Fiz uma linda viagem;
Já Deus me fez a vontade,
Sou um homem de coragem.

Minha mãe, não ande triste,
E não se ponha a chorar.
Estou no princípio da vida
E quiz vir experimentar.

Eu não me esqueço de si,
Nem de noite, nem de dia;
Mas sinto-me muito bem.
Mãezinha, tenha alegria.

Minha mãe, não lhe dê lida
Eu deixar a mocidade.
Fui eu que o quiz assim,
Estou à minha vontade.

Os meus tios me chamaram,
E eu sempre tive esperança.
Mas contra a sua vontade
Eu vim viver para a França.

Não queira andar a chorar,
Querida mãe, eu estou bem.
Coma e beba, mais meu pai,
Não dê gostos a ninguém.

Transcrição

O jornal "A Rabeca" transcreveu, num dos seus últimos números, a poesia do nosso dedicado colaborador, Sr. Ilídio Nogueira Leitão, publicada em "Aqui Bem Perto... a Dois Passos".

Trata-se de uma composição delicada que exalta os valores da formosíssima Capital do Distrito. Muito bem!

Mãezinha, nunca se esquece
Da minha separação.
Mas eu é que o quiz assim,
Mãezinha do coração.

Vá para junto do meu pai,
Que anda lá sempre sozinho,
Quer de noite, quer de dia,
Sempre guardando o gadinho.

Não me esquecem os amigos
E meu paizinho também,
Estou em casa de meus tios.
Mãezinha, sinto-me bem.

Lembro-me da minha amada;
Eu é que o quiz assim.
Querida mãe, não se esqueça
De ir visitá-la, por mim.

Tenho-lhe um amor bem puro
Não pode haver outro igual.
Minha mãe, hei-de casar,
Quando for a Portugal.

E, por hoje, nada mais,
Não tenho mais a contar.
Minha mãe, dê saudades
A quem por mim perguntar.

Adeus, minha querida mãe,
Abraços ao meu paizinho
Aceitem as saudades
Que lhe manda o seu filhinho.

QUEM CANTA

Quem namora um estudante
tem dois pecados mortais:
tira-lhe o tempo ao estudo
e rouba-lhe o dinheiro aos pais.

VERDADES DE SEMPRE

Metes os cães na moita, e arredas-te para fóra.

RECORDANDO António da Cruz Mata

Por Aníbal Goulão

Nasceu em Nisa, no ano já remoto de 1864; e já não festejou o Natal de 1942, pois entregou alma a Deus em 15 do mês de Dezembro. Foi aqui, nesta sua terra, que ele tanto adorava, um dos homens mais populares. Todos por ele nutriam simpatia, porque era bondoso, jovial e muito bom conversador. As críticas que produzia eram sempre escutadas com muito interesse e agrado. Tinha muito espírito e era um tanto filósofo, o que o tornava invul-

gar homem do Povo.

Os seus ditos e anedotas tinham uma graciosidade espontânea, natural, e adequavam-se sempre a qualquer caso ou conversa surgida entre amigos.

Digno sapateiro de profissão, sempre a exerceu com mestria e dela e por ela angariava honestamente o seu sustento do lar. Alma bondosa, de bom nissense, tomava parte em muitos actos religiosos, ele que tanto tinha de pobreza como de dignidade. Chefe de

Câmara Municipal de Nisa

Plano de Actividade para 1965

(Continuação)

Assistência

Tal como até aqui se tem feito, procuraremos auxiliar o mais possível a Santa Casa da Misericórdia de Nisa, de forma a ajudá-la a manter em funcionamento, como é indispensável à população do concelho, para já não falar de tantos outros que lá têm encontrado alívio nas suas dores, o seu e nosso Hospital Sub-Regional.

Não é segredo para ninguém que o Hospital, se se não acudir àquela Santa Casa, terá de fechar as suas portas. E só então é que muitos notarão a falta que agora não sentem — o que não admira, pois sempre assim foi...

Por isso — é bom que todos de tal se lembrem — não basta poder contar com um Hospital para os momentos de aflição, que ninguém sabe quando surgem. É preciso compreender que, para tanto, é indispensável mantê-lo. E isso, como é evidente, não pode competir apenas ao Estado e à Câmara.

Juntas de Freguesia

SUBSIDIOS

Prever-se-á a concessão às Juntas de Freguesia de pequenos subsídios para obras e melhoramentos de pouca monta, tal como se tem feito nos anos anteriores, dado que continuamos a preferir executar directamente, em cada freguesia, as obras de maior volume.

Plano de Urbanização

Trata-se, como todos sabemos, de um problema que se vem arrastando desde 1950.

É por isso nossa intenção promover a sua conclusão no próximo ano, ainda que para tanto — e mau grado nosso — tenhamos de rescindir o contrato com o Sr. Arquitecto Urbanista.

Novos lugares a criar

Para ocorrer a algumas necessidades dos respectivos serviços, está no pensamento da Câmara criar os seguintes lugares:

- vigilante dos serviços de higiene e limpeza;
- cabo de contoneiros;
- ajudante de jardineiro.

Economias

Continuaremos, como sempre, a procurar fazê-las onde for possível, desde que os serviços não sejam afectados.

Assim, pensa-se extinguir o lugar de fiel do matadouro, há anos vago, e cujo serviço vem sendo exercido pelo fiscal do mercado.

Pensa-se, também, no próximo ano, instalar a oficina de aferições para uma dependência do velho Hospital, que a Câmara adquiriu à Santa Casa da Misericórdia, como, aliás, ficou referido nas Bases do Orçamento do corrente ano, mas que não foi possível concretizar por as nossas possibilidades o não terem permitido.

São, é certo, economias que pouco poderão influir para o equilíbrio financeiro do Município, mas a verdade é que não temos mais onde fazê-las.

Empréstimos

Embora tenhamos necessidade de contrair empréstimos para podermos levar a cabo algumas obras projectadas — esgotos, remodelação dos Paços do Concelho, etc. — nada de concreto nos é possível por agora referir.

Estamos, no entanto, aguardando autorização de Sua Ex.^a o Ministro das Finanças, para contrairmos na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência o empréstimo de 300 contos, que foi deliberado controir para os Serviços Municipalizados com destino à obra de remodelação da rede eléctrica de Alpalhão.

família exemplar vivia com sua mulher e filhos em completa harmonia. A par da pobreza, reinava a paz. Ele próprio o proclamava, com justificado orgulho. Grandes manjares não os conhecia, mas, em dias festivos, os pratos eram sempre melhorados. Com um sorriso quase imperceptível, sempre estava de bom humor e a todos com quem conversava, sempre transmitia boa disposição e bom ânimo. Duas coisas muito ele apreciava: o bom vinho e um piteu bem preparado. Muito perspicaz, com a prática duma vida já longa, era um verdadeiro sábio popular.

Com ele convivemos bastante tempo, para bem o conhecer e para melhor ainda o apreciar. Contam-se inúmeras anedotas, ditos e chalaças do bom António Mata, ainda hoje divulgadas pelo nosso povo, que assim evoca a graciosidade natural do saudoso nissense.

Era pródigo em ditos galhofeiros, a que sabia imprimir uma graça especial que o definia.

António da Cruz Mata foi um dia preso como político e, com ele, pessoas gradadas da Terra. Detidos no

(Continua na página 4)

Dr. Mário Beirão

Em homenagem sentida à memória do insigne poeta, há dias falecido, publicamos hoje um dos seus mais impressionantes sonetos.

Mário Beirão, grande entre os grandes da poesia lusitana, fica, por direito próprio, definitivamente, nas páginas da História da Literatura Portuguesa.

A produção que damos à estampa define-o com rigor e vai proporcionar aos intelectuais um grande prazer espiritual.

DE CAPA E BATINA

Dito, que eu garanto como exacto, foi o do Doutor Pedro Monteiro — O "Pedro Penedo" — na aula de Direito Civil, quando os meus dois irmãos mais velhos frequentavam o primeiro ano da Faculdade.

Tratava-se dos direitos civis dos nascituros.

Querendo acentuar bem que, pelo disposto no Código Civil, só tem direitos civis quem nasce com vida e com figura humana, o Doutor Pedro, interrogando um discípulo dos meus irmãos, baralhou tudo, e saíu-se com esta:

— Ora diga-me: o filho que nasce morto, nasce ou não nasce?

("De Tempos de Coimbra"
pelo Dr. António Cabral)

VISITA

Com a presença do Sr. Rodrigues Correia, visitaram-nos, como representantes do Rancho de Nisa, a menina Catarina da Cruz Zacarias Esteves, acompanhada dos pequenos António José Semedo Lopes e Ana Maria Ramos Carita. Vinham radiantes e traziam o seu estandarte, obra de apreço e símbolo de uma unidade que desejamos se mantenha.

Agradecemos a gentileza.

****:****:****:****:****

ACTIVIDADES DA L. I. A. M.

Com a presença do Rev. Padre José Felício, procedeu-se à votação dos dirigentes do núcleo do Externato de Dom Dinis, que deu o seguinte resultado:

Presidente — *Carlota Joaquina de Almeida Gomes Correia*
Vice-Presidente — *Maria dos Remedios Pinheiro Heitor*
Secretária — *Rosa Deolinda Borges Caramelo Braça*
Encarregado dos Selos — *Pedro Miguens Matulino*

BONDADÉ

O estimado nicense, Sr. José da Cruz Buchó, há muitos anos residente na Ponte do Sôr, ao festejar os seus 80 anos, resolveu comprar 100 chales, para oferecer a viúvas pobres.

Mas, sem nunca esquecer a sua Terra natal, deixou, ao visitá-la recentemente, 15 daquelas peças de agasalho, para serem dadas a outras tantas pessoas nas mesmas condições.

Eis uma atitude que se grava no ânimo de toda a gente e, em especial, no das pobres contempladas. Duplos parabens ao Sr. Cruz Buchó, pelos seus anos e pela sua dádiva, prova de uma grandeza de alma, hoje rara.

****:****:****:****:****

Rugosidades Impertinentes

Sob este título, referimo-nos, no último número a um trabalho por aperfeiçoar, no Rossio, em frente do Calvário.

Pois já desapareceu o defeito. Tudo se encontra devidamente reparado, o que determina não só aplausos, como a verificação prática do cuidado que o caso mereceu a quem superintende nestas obras.

Joaquim Bagulho

Depois de muito sofrer, faleceu há dias Joaquim Bagulho, estimado motorista da Hidro Eléctrica Alto Alentejo. Era pessoa digna e muito estimada.

As nossas condolências a toda a Família.

Correio de Nisa

Com o nosso último número, começou a distribuição do jornal aos domicílios dos Srs. assinantes de Nisa, que já são muitos.

Iniciou-se também a venda avulso nas ruas. Os resultados foram bons, embora ainda com certos pormenores necessitados de correcção.

Continua, porém, bastante imperfeito o envio aos assinantes de fora; mas dentro de pouco tempo tudo irá ao seu lugar.

****:****:****:****:****

CASAMENTOS

Contrairam matrimónio: Joaquim Maria Valente, de 70 anos, filho de Joaquim Maria Valente e de Maria da Cruz da Conceição com Henriqueta da Silva, de 67 anos, filha de António Sebastião Buchó e de Maria Basso.

"INCREDIBILE DICTU"

O artigo de fundo subordinado a este título tem merecido muitos aplausos, não pela forma, mas pelo conteúdo. Era de esperar. Ainda há gente sensível neste mundo conturbado. Os delapidadores do belo definem-se, mas também já começam a ser definidos. A ser definidos e a ser julgados!...

****:****:****:****:****

NEÓFITOS

Foram baptizados: Sílvia Maria de Oliveira, filha de Maria de Oliveira São Pedro; Joaquim da Graça Louro Bizarro, filho de Fortunato da Cruz Bizarro e de Catarina da Cruz Louro; Francisco José Carita Raposo, filho de Venâncio Miranda Raposo e de Catarina da Anunciada Carita Raposo.

****:****:****:****:****

Novos Portugueses

José Augusto, filho do césditoso alferes José Augusto Pimentel Fráusto Basso e de D. Maria Romãozinho Basso; Rui José, filho de Alfredo da Silva Semedo e de Sofia Maria; António, filho de José Maria Reizinho e de Isaura de Lourdes Semedo; Maria Manuela, filha de Joaquim Maria Serralha e de Catarina Charrinho.

Dr. Ribeiro Coelho

Começou a dar consultas no Hospital de Nisa, o Sr. Dr. Alberto Ribeiro Coelho, que vem às terças-feiras exercer clínica dentária.

****:****:****:****:****

A MORTE

Faleceram: José do Rosário Louro, filho de António Louro Carita e de Júlia Antónia; Catarina Carita Louro, filha de António da Cruz Carita Frade e de Elisa Louro; João Maria André, filho de José Maria André e de Maria Barbosa; Maria Tomásia, filha de Francisco Curado Farto e de Catarina do Rosário Semedo; António da Cruz Pequito, filho de Francisco Gaspar Pequito e de Maria de Jesus.

****:****:****:****:****

PROFESSOR TOMÁS CEBOLA

Com autorização deste nosso colaborador, começaremos a publicar no próximo número "A Cigarra e a Formiga", trabalho de mérito, de que é autor e que, arquivado nas colunas deste jornal, vai decerto agradar a todos os nenses, seus patrícios.

AQUI BEM PERTO — A DOIS PASSOS

Colaboração de — ANTÓNIO BENTO e ILÍDIO NOGUEIRA LEITÃO

FRONTEIRA

Na base do monte em que se ergue a capela da peregrina Nossa Senhora da Vila Velha, corre, múrmura, mansa, verde, a Ribeira Grande. Desce-se o monte, passa-se a Cova dos Mouros, passeia-se por entre o olival vistoso e farto do meu amigo Augusto Canejo, e aí temos a ponte, velhinha de há mais de centos de anos, com os seus arcos grandalhões, alguns, e maneirinhos, outros.

Do lado de onde a água vem, ali se debruçam os rudes penhascos do S. Bento das Lapas, que deu o seu nome ao pego, — enormes pedregulhos a quererem tornar agreste a mais macia das paisagens (!). Do outro lado, no sentido da corrente, o Moinho do Carias, alvinitente como a fariinha que os velhos moleiros, durante várias décadas, nele laboraram, pequenino e bem feito, e singelo, como os defeitos dos seus mesmos velhos moleiros... Em frente, a prainha onde crescem frondosos choupos e freixos, e onde se espelha, nas roupas que lá lavam, o espantoso — diríamos doentio se nos atrevêssemos — asseio das boas e queridas mulheres de Fronteira, terra boa, terra amiga, a terra que recebe como poucas o forasteiro.

Seguindo o curso da ribeira, passado o Moinho do Carias, temos o Pego dos Caixeiros e o da Nogueira, pegos bonitos, viveiros inesgotáveis do seu saborosíssimo barbo. Mais adiante, no mesmo sentido, a Serra, mimosa, fresca, dona das mais ricas e puras águas do sítio — cura milagrosa da doença da... sede e da dos nervos cansados. E, prosseguindo, há mais e mais.

Ribeira acima, vizinho do S. Bento das Lapas, o moinho abandonado da Ribeira da Vide, a sua cachoeirinha de brincar, o seu fiosinho de água, sonso, a vir misturar-se com a torrente madre, grande e grossa, retoiceiro da boga nos dias da desova. Meia dúzia de passos mais, o Moinho do Diabo, ruinoso, parado de há muitos anos, mas vistoso sempre, pendura caprichosa de brenhas e penedias, a ribeira ao fundo a deslizar serena, e a esconder em suas funduras montões de barbos façanhudos. E, prosseguindo, há mais e mais.

Descendo a estrada, orlada toda ela de bem cheirosos e vivificantes eucaliptos, mestre F'torino, arrumadas na lojaça as sovelas e os albardões, vem demandando a ribeira, a cana inteira de bambu do forte armada de fio 0,40, reforçada a dois, e de anzol número cinco, empastado directamente, bem entalada entre o braço esguio e a peitaça magra. A pirisca do bom tabaco Superior lá a traz presa nos dedos nodosos e queimados, sorvendo-a de vez em quando, virando-a de quando em vez, para limpar com as costas da mão ossuda o pingo teimoso que lhe cai do nariz aguçado e vermelhusco.

Lá vem descendo e a ruminar sabe-se lá em que historietta mais ou em que nova e ingénua petta para enfiar, à noite, no Café de mestre Birlo...

Por vezes, fala sozinho, mestre F'torino:

— E se caísse outro avião, agora nos Pintos, em vez de na Cristalina?... Nada, não! Poderia a coisa meter a Republicana... E eu sei lá se me safaria desta... Talvez um crocodilo na ponte, brabo e guinchador, arremetendo com as lavadeiras... e a gritaria destas... e uma que caiu à água... e outra a quem o bicho lançou a fateixa e estra-

çalhou ali mesmo, por mais que as pobres berrassem, e arremettessem pedras e paus, e lhe puxassem pelo rabo, nadando, depois de engolir a coitadinha, empanzinado, mandibular, verdozo, chap-chap-chap, chap-chap-chap, pego acima... Ah! Ah! Ah! — E mestre F'torino, a antever já a cara dos amigos, banzados do comprimento da petta, à noite no Café, ri de gosto, arreganhada a dentuça branca e aguçada.

Chega, entretanto, ao seu viveiro da bicharia, ali onde se sobe para a Senhora da Vila Velha; e, arranca pedra aqui, arranca pedra além, saca do bom barro escuro meia dúzia de minhocas, que espalma e amassa com sua rica saliva tabacosa, e que esconde na velha caixa de acendalhas da cozinha.

Volta à estrada, que deixara. Mais uma vintena de passos, mais uma, mais duas, mais três centenas de passos, e... ei-lo que é chegado ao sítio, lá... por onde navegam peixes do tamanho de meninos.

Sabidão, escolhe o melhor poiso. Desenrola o velho fio reforçado, aplica-lhe a costumada boia, do feito e quasi da envergadura de um pirolito, enfia no anzol número cinco meia minhoca, azoadada por via da espalmadela e da amassadura tabacosa, e, uma das mãos no punho do canavial, a outra pegando o anzol, balançando os braços longos, lança o engano, o qual, sendo bem lançado, como o foi, há-de ficar de prumo e à distância de um dedo mindinho da bocarra de um peixeão de guizos...

Senta-se sobre pedra lisa — não! —, espeta na ribanceira a extremidade da cana, enrola um cigarrito, e... aguarda. O peixe dará sinal d'entre em pouco, mas até lá poderá ainda secar a pirisca.

Enquanto chupa o cigarrito, mestre F'torino vai lançando os olhos, que Deus lhe deu um tanto pequenos mas vivos, irrequietos, finos, para as belezas da sua ribeira e para a paisagem, bonita também, que a cerca. Para um lado — os Pintos, herdade rica de matagais e azinho, e boas lours de coelhos; para o outro, em frente, a encosta suave do monte em cujo cimo se ergue, nívica, sossegadinha, doce, a ermida de Nossa Senhora...

— A ermida de Nossa Senhora?!... Olha lá!... — exclama, descobre mestre F'torino. E outra vez, fala sozinho:

— Ó Nossa Senhora minha! a pesca tem-me andado arredia, tem-me feito negas a toda a hora o barbo brabo, o grande, o tal de guizos, para cima de quilo e tal... Dizem-no uns doutorecos que para aí surgiram... lunetas, encueirados: — É do canavial!... É da farpa!... É do calabre que o homem usa em vez de coco! É da minhoca!... É... É...

Eu bem sei do que é... E do que é lhes diria eu se não fosse o respeitinho que te devo, ó minha Nossa Senhora!

E mestre F'torino continua:

— Pois, Senhora da Vila Velha, só para que a esses doutorecos estoire a castanha na boca, e a sarna da inveja no pescoço, manda-me hoje ter ao anzol um barbalhão bem grande, que nele se enferre com unhas e dentes, para que se não safe, e eu o possa meter-lhes, bem pelos olhos, piscos e arregalados, adentro! Manda-mo, Senhora Santa da nossa terra, que eu te ofertarei um litro de azeite para as tuas velas!

(continua no próximo número)

Linda Vila de Fronteira

Quem passar nesta terrinha
Não esqueça o bem que tem;
E' soalheira, velhinha,
Quem lá vai, de lá não vem.

Tem cachopas de encantar,
Bonitas e bem prendadas
E presas ao seu olhar,
Duas vidas irmanadas.

Cá em baixo fica o rio,
Fagueiro no seu correr,
E, quando vem o estio,
Tem sombras de adormecer.

P'ra pesca não há igual,
O barbo é sua riqueza,
E quem se prende por tal
Tem peixe na sua mesa.

Senhora da Vila Velha,
Senhora tão Milagreira,
Tua bênção em cada telha.
Nessa Vila de Fronteira.

Nisa - Março — 1965
ILÍDIO NOGUEIRA LEITÃO

ANÚNCIOS MEDIDOS PELO LINÓMETRO
DE CORPO E ANÚNCIOS PERMANENTES,
CONTRATOS ESPECIAIS. NÃO SE RESTI-
TUEM ORIGINAL. A CORRESPONDÊNCIA
É DIRIGIDA AO DIRECTOR. TODA A
COLABORAÇÃO É SOLICITADA

Correio de Nisa

Jornal de Informação e Cultura



RECORDANDO

António da Cruz Mata

(Continuado da página 2)

quartel da Guarda Fiscal, ali permaneceram todos alguns dias. António Mata provou então manjares, para ele inteiramente desconhecidos, pois só por tradição os ouvira citar. Os companheiros de prisão, ricos e generosos, com ele repartiam as suas refeições.

Referindo-se a estes sucessos, dizia ele, com muito espírito: "Que saudades daqueles dias de boa alimentação! A perda de liberdade deu-me mais liberdade ao apetite"! Só ali puz o meu aparelho digestivo em completo e franco funcionamento". "Cria, meu amigo, — fala-lhe um práctico — o pobre tem tripas que nunca lhe servem...".

Sucedeu, de outra vez, chegar-se a ele um amigo, pai de dois filhos indisciplinados, que se queixou das constantes diabruras dos rapazes. "Sabe lá, amigo Mata, não sei que lhes fazer. Ontem, balouçavam-se numa baía, partiram a suspensão, caíram; e um deles magoou-se e está de cama. Que faria você, oh Mata, com filhos assim?" Mestre Mata ajusta os óculos e responde prontamente: "Se eles já chegaram ao ponto de partir baias, só tem um recurso: prenda-os mais curtos...".

De outra vez, num grupo de amigos, conversava-se sobre génios e feitos de mulheres. António Mata tomou a palavra e disse: "Deus Nosso Senhor enviou-nos do Céu essas bonecas enfeitadas para serem nossas mães, nossas filhas e, por vezes, a nossa cruz. Certa noite, estava a minha mulher amuada comigo; e, já deitado, começa ela com umas representações um bocado teatrais, para ver se me arrelia. Ora, eu escondo a roupa uma dessas cornetas de barro

com que os rapazes para aí brincam — vocês conhecem, certamente —. Rapo do clarim, arranco-lhe um toque estridente; e pronto, acabou a representação, porque ela se assustou de tal maneira que, num movimento rápido, estacou, deu um sopro na luz e deitou-se sem mais um ai. Tinha dominado a bicha. A corneta passou a ter lugar permanente, suspensa na grade do leito. Remédio santo: silêncio de morte até amanhecer".

Que graça natural e tão espontânea, a do António Mata!

Na última vez que o vimos, apresentava acentuada cor macilenta, olhar triste e, nos lábios secos, uma linha de espuma. Perguntamos-lhe pela saúde e dissemos-lhe: Que tem, amigo Mata? Estranho-o hoje, está diferente. Resposta imediata: "Eu lhe explico. Já não sou ninguém. Já morri. Sou um cadáver andante. Há muito que devia ter partido, mas tenho-me demorado bastante no arranjo das malas... e ainda mais com os passaportes. Agora, aguardo apenas a ordem de marcha, que não deve demorar...".

Na verdade, três dias depois, António Mata sucumbia. Tinha chegado a "ordem" que ele esperava.

E, assim, partiu para sempre, manifestando o seu bom espírito, a sua graça natural, até aos últimos dias de vida. E com ele partiram também as suas anedotas, fruto da sua vasta imaginação, improvisadas de momento, que definiam um espírito bondoso, resignado e galhofeiro e que deixaram em todos que com ele conviviam gratas recordações e muitas saudades.

Paz à alma do bom António Mata.

SONHOS

Esta areia escura e fina
que faço deslizar nos dedos meus
tem sonhos p'ra contar...
Sonhos de ninfas e sereias belas.
Sonhos de amor reis e donzelas
e tantos outros... teus... e meus.
Ah! areia fina e negra
brincando nos meus dedos,
brincando com os meus sonhos...
levas em cada um dos teus grãos:
— um sonho insatisfeito
— um desejo infinito
— um gesto sem ser feito.

MAR

De "O Meu Caderno"
(inédito)

ESTRIBILHOS

(Continuado da página 1)

povo é ainda hoje, como outrora, e certamente pelos séculos adiante, um grande apreciador de estribilhos.

É ele que os fixa e lhes concede direito de cidade, depois de os procurar no teatro, no cinema, no próprio falar de toda a hora. Que seria das canções do nosso primeiro período literário, se lhes amputassem os estribilhos?

Para quê condená-los, então? E, entretanto, como justificativa da regra, um estribilho existe que não pode ser admitido — e muito menos defenso —: é o gajo, usado por gente de quase toda a classe. Este mostrengo não magoa quem o ouve, antes reduz quem o emprega. É, no fundo, um retrato de alma.

ESPECTÁCULO

Referente ao mês de Fevereiro, recebemos o N.º 1 da revista "Espectáculo", de que é director Anselmo Machado.

Efemérides

Em 20 de Março de 1884 morreu o grande pintor Pousão, natural de Vila Viçosa.

Estado Caótico

Encontra-se em verdadeiro estado de ruína o anexo da Capela do Calvário. Chove lá como na rua e o madeiramento ameaça ruína. Bom era que a Câmara Municipal abreviasse a execução das obras que, já há muito tempo, ali estão previstas.

DE LUTO

Por morte de sua tia, está de luto o Sr. Dr. Carlos Bento.

O Correio de Nisa lamenta a triste ocorrência e apresenta a toda a família em luto, e em especial ao nosso colaborador, e a seu pai o Sr. Júlio Pires Bento, condolências sinceras.

Também a dor veste de negro a família do estudante Emílio do Rosário Certainho Ribeirinho, pelo falecimento do seu bisavô, Sr. Pequito, antigo e honesto empregado da "Casa Inglesa". Apresentamos pêsames à família.

Colaboração

No próximo número, publicaremos um artigo de grande oportunidade, devido à pena do nosso colaborador, Sr. Fernando Portugal.

FESTA DE CANTARES ALENTEJANOS

(Continuado da página 1)

teriores análogas, é intenção e desejo da Casa do Alentejo repetir todos os anos, de modo a possibilitar a vinda a Lisboa de tantos e tantos ranchos de cantadores que, felizmente abundam na nossa província e tão bem sabem entoar estes cantares extraordinários, com uma intuição artística notável.

A numerosa colónia alentejana, residente em Lisboa e nos seus arredores, aguarda ansiosamente a chegada dos seus comprovincianos para confraternizar com eles, tributar-lhes o seu apreço e solidariedade e deliciar-se em ouvi-los, enternecidamente, porque compreende e sente na alma a nostalgia e a beleza sem par que o seu canto possui.

AS BAGAS

O Largo do Boqueirão era há anos um sítio escaldado, onde apenas faltavam umas víboras decorativas. Hoje, devido à inteligente transformação a que se procedeu, é um mimoso jardim, com árvores fagueiras e flores polícromas.

Para que tudo ali fique bem, é necessário uso mais frequente da vassoura, a fim de se arredarem as bagas jacentes, de certo modo incómodas para quem transita a pé. Sim, porque a culpa não é das árvores.

Dr. Paralta Ribeirinho

Promovido à 2.ª classe, foi colocado em Elvas o Juiz de Direito, Dr. António Paralta Ribeirinho, ilustre nicense e nosso particular amigo. Felicitamo-lo e desejamos-lhe venturas.

IMPRENSA

Dirigido pelo Tenente-Coronel Armindo de Jesus Fernandes, recebemos o primeiro número de "Ecos do B. C. 6", que surge sob o lema de "Distintos e Admiráveis Brigramos sem Pão". Com bom aspecto gráfico, publica várias produções em prosa e verso e é uma manifestação expressiva da alma do valente e glorioso Exército Português. Neste simpático periódico, também lemos com prazer uma produção do nosso colaborador José Ventura Balonas.

Desejamos ao jornal muitas prosperidades e agradecemos a gentileza da oferta.

NO CALVÁRIO

Como preparativos para as próximas solenidades da Páscoa, várias pessoas piedosas têm-se dedicado, há dias, a enfeitar este lugar sagrado, entregando-se devotadamente a uma tarefa já tradicional, que é prova de bons sentimentos.

Quadras soltas COLIGADAS POR UM ESTUDANTE EM 1896

Se te enfastia eu querer-te
É força por fim deixar-te
Ensina-me a aborrecer-te
Que eu não sei senão amar-te.

Os teus olhos são escuros,
Como a noite mais cerrada
Apezar de tão escuros,
Sem eles não vejo nada.

Alevanta esses teus olhos,
Debaixo dessas pestanas,
Que eu quero conhecer bem
As luzes com que me enganas.

Se tu estás arrependida
D'algum bem que me fizeste,
Dá-me os beijos que te dei,
Dar-te-ei os que me deste.